

RESENHA

COSTA, Walter Carlos; TAVARES, Pedro Heliodoro; ROSSI, Emiliano de Brito (Orgs.) **PSICANÁLISE ENTRE LÍNGUAS**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2016.

Renan Kenji Sales HAYASHI
Universidade Federal do Paraná
renanhayashi@ufpr.br
<https://orcid.org/0000-0001-8602-8765>

A relação entre psicanálise e línguas estrangeiras empreende seus primeiros enlaces já na época dos escritos freudianos. Em *Estudos sobre a Histeria (Gesammelte Werke)*, obra que contempla textos publicados entre 1893-1895, Sigmund Freud, em coautoria com Josef Breuer, apresenta acurados e elaborados casos clínicos em que as línguas estrangeiras são trazidas à baila como pontos centrais de análises sobre angústia e repressão. O enigmático caso de Anna O. é um dos mais representativos. À visto disso, asseveram Freud e Breuer que Anna O.

[...] no último dia, servindo-se do recurso de arrumar o quarto tal como fora o de seu pai enfermo, reproduziu a alucinação angustiante, já relatada, que fora a raiz de toda a doença e na qual só pudera pensar e rezar em inglês; imediatamente após, falou alemão e libertou-se de todos os incontáveis transtornos que antes apresentara (FREUD; BREUER, [1893] 2016, p. 77).

E é justamente nesse imbricamento entre línguas (mas também culturas) com a psicanálise freudo-lacanianiana que a obra *Psicanálise entre línguas* comparece como um compêndio de textos e resultados de pesquisas – de eminentes autores da área – que resgata, de forma muito singular, a proposição teórica outrora empreendida nos fundamentos da psicanálise como campo do saber. Não somente isso. Tratando-se de uma articulação complexa e bastante delicada, os estudos em psicanálise e línguas estrangeiras têm mostrado, sobretudo a partir do imenso trabalho de traduzir e retraduzir textos e seminários de Freud e Lacan, como a passagem de conceitos de psicanálise entre línguas é – antes de tudo – uma área de conflito. Conflito ocasionado pelas não-coincidências do dizer, mas também pela centralidade do significante que resiste ao deslizamento de uma língua à outra, precisamente porque os efeitos de sentido de um registro linguístico não são plenamente rastreáveis em outro. Dessa forma, os treze textos que compõem a coletânea

exploram – cada qual à sua maneira – tentativas de problematização dessa urdidura ora mais coesa, ora mais solta, entre isso que fala e falha – a língua – e aquilo que procura propor sentidos aos tropeços e atos falhos – psicanálise –, a partir da singularidade do sujeito que pensa ser o dono de seu dizer.

O livro divide-se em duas seções: *O divã de Babel* e *A Psicanálise de uma língua à outra*, sendo a primeira composta por sete textos e a segunda por seis. De início, somos convidados por Paulo Sérgio de Souza Jr. a refletir sobre a dimensão da linguagem no inconsciente. Em *Uma zona linguística franca: o psíquico*, Paulo Sérgio assevera, a partir da máxima lacaniana “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, como a relação complexa entre línguas convoca do psicanalista e – em última instância – da própria psicanálise uma reflexão mais profunda sobre a dimensão incontornável da alteridade. O Outro que surge como estranho, que fala outra língua, é, para nós, tão estrangeiro quanto nós o somos para ele. Com efeito, pensar no inconsciente como uma *linguagem*, não como uma *língua*, demanda do trabalho de análise visitas ao Outro que resvalam necessariamente na própria dimensão narcísica de quem realiza o trabalho de análise. Por isso, acentua Paulo Sérgio, que afirmações generalistas do senso comum como “os japoneses não são analisáveis por conta do caráter chistoso da língua japonesa” são colocadas em perspectiva, a fim de serem repensadas e ressignificadas.

Tratando igualmente da alteridade, Maria Rita Salzano Moraes, em seu texto, se questiona: *como é que, a partir da Psicanálise, posso falar de língua e tradução?* (p. 27). Assim, em *Língua, Tradução e Psicanálise*, Moraes retoma o já mencionado caso freudiano de Anna O., pontuando que “[...] o sintoma é uma relação de compromisso, tomar a língua estrangeira como sintoma supõe, necessariamente, que ela seja referida à assim chamada língua materna” (p. 28). Dessa forma, a autora procura diferenciar o que vem a ser a língua *estrangeira*, em contraste com a *materna*. Estrangeiro, segundo Moraes, é uma leitura que o sujeito faz partindo de sua posição em sua língua materna. Dito de outro modo, o estrangeiro é o lugar de *estranhamento* que o sujeito empreende na língua materna. Já a língua materna não é a língua que se recebe da mãe, mas sim a língua em que o corpo dessa mãe – interditado e organizador do desejo proibido – é invariavelmente imaginarizado. Em outras palavras, é língua materna porque é a língua do desejo em que falamos e somos falados; introduzidos à dimensão do dizer por um elemento tornado lar (o *Heim* freudiano). À vista disso, propondo uma leitura sobre Anna O., Moraes sentencia:

[p]ara Anna O., o inglês vai recobrando o alemão, para *re-calcar* esse estranho que irrompe na língua alemã. O estranho, nesse

caso, *movimenta*, isto é, causa desejo, causa o familiar, porque o estranho-familiar encontra-se ainda no campo do sentido, no campo representacional. Anna O. não deseja o impossível, deseja, porque é impossível (MORAES, 2016, p. 30, grifos da autora).

Deste modo, o impossível surge no horizonte da psicanálise como aquilo mesmo que cinde o sujeito e – bem por isso – participa do mecanismo desejante de alguém sempre às voltas com a lógica do significante. O impossível, agora *da tradução*, aparece igualmente no texto de Christian Dunker e Elizabeth Brose, intitulado *Sobre a tradução de Unbehagen: o Desassossegado Mal-estar*. Neste texto, o impossível da tradução recai sobre a dificuldade de fechar uma proposição exata, em português do Brasil, para o termo freudiano de *Unbehagen*. Em forma de um debate escrito, Dunker e Brose fazem um apanhado das ocorrências deste termo não somente no corpo teórico de Freud, mas também em importantes textos da literatura alemã, como *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*, ambos de Goethe. A saída de Dunker é voltar o olhar para as formas como *Unbehagen* aparecem ligadas a estados corporais, vicissitudes do destino e formas morais de sofrimento. Com efeito, o desassossego de Fernando Pessoa é trazido à baila como uma forma de lançar luz sobre a tradução do termo. Contudo, a proposição francesa de *malaise*, segundo Dunker, é a que mais se aproxima da complexidade do termo em alemão. Portanto, na tradução, entre a língua de partida e a língua de chegada, o movimento é sempre intenso e imbricado.

Nesse mesmo imbricamento da tradução, Marcelo Jacques de Moraes – no belíssimo texto *Sobre a violência tradutória* – adiciona um ponto: a tradução potencializa uma violência subjetiva entre as línguas de partida e de chegada. E mais, para Moraes, a ideia de “texto original” e “texto traduzido” é uma proposição que vai se mostrando sem sentido à medida em que adentramos na seara da *pulsão tradutória*. Partindo de Antoine Berman, o autor se apoia na asserção “a tradução é relação ou não é nada” e propõe que uma tradução é nada quando não se conhece a língua de partida, pois para aqueles que desconhecem a língua do “original”, a tradução tem efeito de texto primevo. Para ilustrar, Moraes aponta a literatura russa, sobre a qual ele informa desconhecer por inteiro a língua na qual fora escrita. Dessa forma, “[...] por detrás desse Dostoiévski não ouço nenhuma língua estrangeira, é puro silêncio ... Por isso, a tradução é nada. Dostoiévski só pode soar como um original em português para mim, pois o russo não me sopra ao ouvido” (p. 72). Nesse sentido, a tradução, como forma de violência, se passa de uma língua sobre a outra a partir da vertiginosa – e necessária – experiência da alteridade, no confronto entre duas línguas que se violentam pela irredutibilidade entres elas, traço este exposto pela

tradução. Portanto, a marca da tradução é, sobretudo, uma marca de violência subjetiva.

Tal violência retoma, em grande medida, a figura do tradutor como um traidor, ditado antigo lembrado pelo Maurício Eugênio Maliska, no texto *Psicanalista traidor? Pontuações a partir da prática psicanalista*. Partindo da marca da fidelidade, Maliska questiona a ideia de traição colocando em paralelo duas figuras que trabalham com os efeitos de sentido da linguagem: o tradutor e o psicanalista. Longe de afirmar que a traição seja algo necessariamente ruim, o autor mostra que, em realidade, uma certa dose de traição – aos efeitos de sentido – é necessária tanto ao tradutor, quanto ao psicanalista. E aponta Lacan, em relação aos escritos de Freud, como um bom infiel. Além disso, Maliska traz um breve relato clínico de um psicanalista francês para endossar a ideia de infidelidade como uma forma de resistência aos movimentos de homogeneização, mas também uma maneira de deixar a singularidade – do texto e do analisando – emergir via linguagem. Se a traição for o prato do dia, é preciso, pois, servir-se dela para sustentar a posição de tradutor – fiel à língua – e de psicanalista – fiel à ética do desejo.

E, ainda no âmbito da violência, Junia Barreto lembra, por meio do texto *A demanda 'silenciosa' de Pierre Rivière. Da autobiografia ao cinema*, o caso de Rivière que degolou a mãe, a irmã e o irmão no século XIX, na França. Barreto assevera que Michel Foucault já havia se debruçado sobre este acontecimento. E a autora faz uma extensa análise sobre os escritos do filósofo francês. Contudo, a leitura de Barreto caminha também para análise fílmica do caso. Assim, na produção imagética, o que fica patente é a recriação da figura de Rivière a partir dos silêncios enunciativos. Barreto esclarece a necessidade de observar este caso de homicídio por várias perspectivas, não somente pela ótica criminal ou médica. O filme tentou seguir por este caminho, sobretudo, pelo cunho psicanalítico. Dessa forma, pela escrita desviante, o sujeito, a consciência e a língua surgem como uma forma de (re)conciliar a produção fílmica com a documentação histórica.

Inaugurando a segunda seção, Patrícia Reuillard tece uma reflexão sobre *As palavras-valise nos Seminários lacanianos*. Reuillard acentua as combinações lexicais que Jacques Lacan fez ao proferir seus famosos seminários entre os anos de 1951 e 1980. Com efeito, para compreender essas manobras linguísticas, a autora exemplifica, no francês, as transformações que Lacan lançou mão em suas falas direcionadas aos psicanalistas e estudiosos à época. *Extimité* (*extériorité* + *intimité*), *hainamoration* (*haine* + *énamoration*) e *jalouissance* (*jalouse* + *jouissance*) são exemplos analisados por Reuillard, que também assinalou que com esses processos neológicos, Lacan buscava não só demonstrar um profundo conhecimento linguístico do francês, como também destacar a necessidade de criação de um novo aparato intelectual para a prática psicanalítica.

Pensando justamente nessa complexidade linguística criada por Lacan em seus seminários, Walter Carlos Costa, em *Notas sobre três traduções do Seminário Livro 3 de Lacan*, vai colocar em cena o cotejo entre as traduções para o português do Brasil, para o espanhol argentino e para o inglês dos textos franceses do psicanalista. Costa chama atenção para o fato de que, enquanto Freud se dirigia, por meio de seus textos, para o grande público, Lacan se direcionava, quase em sua totalidade, a outros psicanalistas. Em outras palavras, a análise dos textos de Freud recai sobre o *uso das ideias*, ao passo que a investigação sobre os seminários do Lacan incide sobre a *forma* de transmissão da clínica. Destarte, o estilo erudito e a forma barroca da enunciação lacaniana, no processo tradutório, ficam em evidência e demandam um afazer entre línguas de alta complexidade. Nesse sentido, Costa assevera as características de cada uma das traduções, destacando o caráter ora mais literário, ora mais “literal” das versões existentes, deixando o leitor acessá-las e decidir por uma ou por outra.

Essa mesma decisão por uma versão ou por outra é alvo de discussão no texto de Ernani Chaves – *Tradução, ética e política* – em que as escolhas tradutórias são colocadas em relevo. De início, Chaves acessa a dificuldade da tradução de *Trieb*, disparando as problemáticas de teor político dentro das associações psicanalíticas já na época de Freud. Contudo, essa questão política se desdobra e alcança a obra de Walter Benjamin. Para Chaves, há uma articulação possível entre tradução, política e inconsciente justamente via Freud-Benjamin, não só porque o último foi frequentador das aulas do primeiro, mas também porque a complexa teoria de Benjamin – inclusive sobre tradução – coloca em evidência a posição política do tradutor, recusando qualquer pretensão de reprodução fiel de uma língua em uma outra. Conclui Chaves que a tradução, mesmo de termos complexos como o *Trieb* freudiano, deve levar em consideração não somente os aspectos teóricos e clínicos, mas também o contexto político e cultural no seio das discussões sobre psicanálise entre línguas e diferentes sociedades e contextos históricos.

Finalizando a segunda seção, Luiz Alberto Hanns traz à baila a discussão sobre se a tradução dos textos de Freud deve privilegiar a terminologia mais psicanalítica atual ou se se deve ser mais coloquial e de fácil compreensão, seguindo o próprio tom dado por Freud em seus textos em alemão. Assim, no escrito *A atualidade de Freud e um novo modo de traduzi-lo*, Hanns utiliza o caso do termo *frustração* para fins de análise e todo seu desdobramento, tanto no âmbito lexical, quanto na seara semântica. Para o autor, uma estratégia possível de tradução dos textos freudianos é recompor os termos mais complexos a partir do texto em alemão, contemplando, pois, nexos retóricos e semânticos, mas também e, sobretudo, feixes estilísticos entre as escolhas tradutórias. Em detalhes de ordem mais técnica, Hanns recomenda os paratextos para evitar o engessamento do texto, *Revista X*, v. 18, n. 02, p. 796- 802, 2023.

preferindo justamente a manutenção do frescor próprio dos escritos do Freud em alemão.

Por falar em frescor dos escritos em língua estrangeira, no compêndio há, ainda, dois textos escritos em francês e um em alemão. Marcos Coelen, em *Liebe, Situation, Sprache* propõe uma reflexão sobre afeto, situação e língua. Já Claire Gillie acentua um retorno ao texto de Freud por meio do gesto tradutório em que um glossário metodológico de termos freudianos pudesse dar conta da complexa tarefa de passar conceitos de ordem psicanalítica de uma língua à outra. Para tanto, Gillie, em *Retour à la lettre freudienne; contours et détours d'une langue à l'autre* exemplifica com termos extraídos do texto em alemão contrastados com as escolhas tradutórias em língua francesa. Por fim, no texto *Les écrits de Freud avant et après leur entrée dans le domaine public – parcours des traductions en europe et en Amérique du Sud*, Pedro Heliodoro Tavares propõe uma leitura sobre a obra de Freud, colocando em cena a importância da língua na transmissão do pensamento psicanalítico. Para isso, analisa as traduções para o inglês, para o castelhano e para o francês dos textos do vienense.

Como palavra final, destaco a qualidade do trabalho de pesquisa que os autores empreendem, tendo em vista a dupla dificuldade imposta pela linguagem no ato de traduzir e no ato de analisar. De fato, a articulação entre línguas estrangeiras e psicanálise, longe de ser ponto pacífico, demanda um cuidado extra, justamente pela profusão de abordagens e pela complexidade de se lidar com as bordas dos sentidos que emergem na/pela linguagem. Afinal, se a psicanálise lida com a cura pela palavra – que muitas vezes escapa, falha, resiste, se emudece –, esse elemento deve ser compreendido em todos os seus possíveis efeitos de sentido. E na passagem entre línguas – mas também culturas – o que fica evidente é sempre um resto que resiste ao fechamento de sentido, mas também abre outras possibilidades de análise. E é sempre nessa possibilidade que parece residir o desejo por melhor compreender a dimensão inapreensível da linguagem humana.

REFERÊNCIAS

COSTA, Walter Carlos; TAVARES, Pedro Heliodoro; ROSSI, Emiliano de Brito (Orgs.) **Psicanálise entre línguas**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2016.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. Trad. Laura Barreto. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

Recebido em: 08 mar. 2023

Aceito em: 22 mai. 2023